

A INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO COMO FATOR DE INCLUSÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO PIRACICABANO

Autores

Ana Luisa da Silva Forti

Orientador

Erivaldo da Costa Cabral

Apoio Financeiro

Fae

1. Introdução

A escola é um espaço em que finas teias se entremeiam; são pequenos fios invisíveis que delimitam a estreita relação existente entre o professor e seu aluno. É um espaço em que o novo e a heterogeneidade estão constantemente presentes e, lidar com a diversidade que o ambiente escolar agrega é uma situação complexa e, muitas vezes, problemática, pois cada criança ali presente trás consigo toda uma história anterior, possui conhecimentos prévios, vivências diferenciadas, o que faz com que cada aluno seja singular, único e, assim, a forma como ele irá adquirir o saber também está entremeado por estes aspectos.

Quando uma destas crianças apresenta Síndrome de Down (SD) as dificuldades não diminuem e fica mais fácil justificar a não aprendizagem do aluno, uma vez que a síndrome traz algumas limitações para o desenvolvimento da criança. Contudo, estas limitações não são fixas e estáticas. O desenvolvimento de uma criança com SD está diretamente relacionada com uma estimulação feita adequadamente (PUESCHEL, S. 1995).

Neste contexto, tratar sobre este assunto é de fundamental importância uma vez que a atuação do professor e a relação que ele estabelece com os alunos pode facilitar e promover o desenvolvimento, a aprendizagem e o convívio social de todos eles incluindo aqui, crianças que apresentam necessidades educativas especiais e que se encontram inseridas em escolas regulares.

É comum observar no espaço da sala de aula, professores que não sabem muito bem o que fazer com uma criança que apresenta necessidades especiais, como fazer com que aprenda, sem atrapalhar o ritmo da sala. Sentem medo de fracassar e muitas vezes nem se arriscam a tentar algo para de fato inserir esta criança no contexto escolar. Pelo contrário, o que mais tem-se observado são crianças que, apesar de estarem freqüentando uma sala de aula regular, estão totalmente excluídas das atividades e brincadeiras, tendo atividades específicas para ela.

Diante disso, o professor recebe destaque, pois cabe a ele a responsabilidade pela aprendizagem de seu aluno.

No entanto, por melhor e mais engajado que seja o professor, ele sozinho é incapaz de superar as contradições existentes no cotidiano escolar, uma vez que há questões econômicas e sócio-políticas que

vão além dos limites em que o professor é capaz de atuar. Mas, é importante ter em mente que o saber ensinar é algo que não está pronto no professor, este saber é construído cotidianamente nas relações estabelecidas em sala de aula, nas reflexões que estas experiências possibilitam e, acima de tudo, na constante formação deste profissional, já que o processo de ensino e aprendizagem requer preparo, compromisso, envolvimento e responsabilidade(MOYSÉS, 2001).

Com base nesta perspectiva, o presente projeto que foi constituído a partir de dois projetos anteriores, a saber: “O Portador de Síndrome de Down e a prática esportiva: uma experiência interdisciplina na cidade de Piracicaba (agosto/2001 à julho/2003)” e “Propostas de Atividades Motoras Inclusivas: uma experiência no centro de qualidade de vida da Universidade Metodista de Piracicaba (agosto/2004 à julho/2005)” se propõe a atuar numa perspectiva interdisciplinar envolvendo os cursos de Educação Física e Psicologia a fim de contribuir com a atuação do professor e minimizar as dificuldades no processo de inclusão.

2. Objetivos

Este projeto tem por objetivo acompanhar e desenvolver atividades motoras que propiciem a aprendizagem, o aprimoramento e a convivência social das crianças participantes, tendo como foco a inclusão de crianças com SD e atuação do professor como facilitadora deste processo.

3. Desenvolvimento

O projeto foi realizado nas dependências do Colégio Piracicabano, um colégio de ensino regular, particular, situado na cidade de Piracicaba que abrange desde o ensino infantil e fundamental ao ensino médio.

O trabalho foi desenvolvido durante as aulas de educação física, 3 vezes por semana, em 4 salas que vão do ensino infantil ao ensino fundamental (1ª à 4ª série). Nestas salas foram acompanhadas 5 alunos com SD inseridos em salas com cerca de 30 alunos.

Os alunos acompanhados têm idade variada entre 7 e 15 anos, sendo 2 do sexo masculino e 3 do sexo feminino.

O procedimento adotado durante as aulas foram observações registradas através de relato cursivo, sistematizadas em um diário de campo. No processo de análise dos dados, estes foram agrupados em 3 grandes categorias temáticas: desenvolvimento motor, inclusão e relação professor-aluno, sendo que a categoria inclusão se subdivide em: comunicação; atenção; participação nas atividades e relacionamento interpessoal.

4. Resultados

Através das análises realizadas percebeu-se que na sala 1 houve uma melhora acentuada no que se refere ao relacionamento interpessoal, pois observou-se que a criança fazia parte de um grupo e foi aceita pelas colegas. Também, auxiliava-as nas atividades propostas sendo incluída nestas, fato que não acontecia desta forma anteriormente, pois agia muitas vezes, de forma agressiva, empurrando e derrubando as colegas no chão o que provocava o afastamento das mesmas. No que diz respeito à categoria comunicação, esta criança estava mais comunicativa e atenciosa nas rodas da conversa, participando das discussões.

A criança da sala 2 não necessitou da auxiliar de sala para realizar as atividades propostas (a auxiliar de sala não ficava mais presente nas aulas de Educação Física). Este fato fez com que se aproximasse mais das colegas e participasse das aulas sempre com as mesmas. Apresentava um bom relacionamento interpessoal e era muito querida pelo grupo, comunicando-se com eles, mesmo sem utilizar a fala (esta criança não utilizava a fala nas suas interações escolares, falando um pouco apenas com pessoas próximas a ela – pais, irmã, etc). O fato de não utilizar a fala, dificultava sua participação nas rodas de conversa, pois apenas concordava e discordava do que lhe era perguntado, sinalizando com a cabeça. De acordo com a professora de sua sala de aula, é difícil saber aquilo que ela compreende a respeito da matéria que é ministrada, pois não tem o retorno através das palavras, ao mesmo tempo em que a leitura não é realizada. Mas, segundo esta professora, a criança escreve palavras, algumas sozinhas e outras com auxílio e o trabalho que é realizado com ela centra-se na alfabetização. Esta criança pode apresentar maior dificuldade na resolução de conflitos, bem como limitar seu campo relacional, já que não conversa com ninguém que não conheça e que não seja próxima a ela. Mesmo com as pessoas próxima, de acordo com o relato da professora da sala, esta aluna não consegue ainda, elaborar uma frase, se comunicando por meio de palavras. Talvez, o fato de não praticar a fala dificulte o desenvolvimento da mesma.

A aluna da sala 3 apresentava excelente sociabilidade com a sala. É importante mencionar aqui, que depois de um período longo com uma mesma turma, no 1º semestre de 2006 a aluna passou a freqüentar uma nova sala, pois permaneceu no ano escolar em que se encontrava. Este fato, não interferiu nas relações estabelecidas, havendo um bom relacionamento entre todos os membros da sala. Esta aluna era uma pessoa muito comunicativa e carinhosa com os colegas, professores, bolsistas e estagiários; participava das rodas de discussão e protestava quando não gostava da atividade que era realizada (como estava bem acima de seu peso e tinha dificuldade de se locomover com agilidade, principalmente em jogos que exigissem a corrida, ela algumas vezes se posicionava contra, chorando e protestando, dizendo que aquela atividade não queria). Contudo, apesar dos protestos, sempre participava e se esforçava nas atividades, mesmo que inicialmente tivesse dito que não concordava.

A sala 4 apresentava dois alunos com SD, “aluno a” e “aluno b”. O “aluno a” era uma criança bastante agitada, mas apresentava uma boa relação interpessoal, se comunicando com eles por meio de palavras soltas, não conseguindo ainda estruturar uma frase, possivelmente por conta da idade que apresentava. Esta mesma característica em relação à linguagem pode ser observada no “aluno b”.

O fato destas crianças ainda não se comunicarem por meio de uma estruturação verbal clara, isto é, através de frases que expressem idéias com começo, meio e fim, não significava que não se comunicavam com a sala e que não se faziam entender. Este fato, não interferia tanto na socialização do “aluno b”, porque procurava sempre se expressar nas rodas de conversa, utilizando palavras que lhe eram mais conhecidas, também era atendo às discussões e aos acontecimentos ao seu redor. A dificuldade na fala, nestes dois casos, está relacionada a um fator maturacional, uma vez que estas crianças apresentavam pouca idade. Sendo assim, a fala ainda está em processo de desenvolvimento e este atraso é uma característica própria da Síndrome de Down.

Em relação a atenção, o “aluno a” mostrava-se mais desatento nas rodas de conversa. Durante as atividades, costumava não seguir as orientações das atividades, muitas vezes para chamar a atenção das bolsistas ou estagiárias que estavam próximas.

Ao pensar na categoria relação professor-aluno e na metodologia de ensino é possível observar que o professor lidou de forma muito positiva com as dificuldades que se apresentaram durante suas aulas, proporcionando um espaço de reflexão e diálogo entre os alunos e o professor. Ao mesmo tempo, trabalhou em suas aulas com conceitos que vão além do mero exercício físico, compreendendo o aluno nos seus múltiplos aspectos, possibilitando a convivência grupal, bem como promovendo um espaço de discussão e reflexão a respeito das implicações e conflitos que surgiram desta interação.

As aulas de Educação Física possibilitaram vivenciar aspectos que fazem parte da sociedade como um todo, pois promoveram além do desenvolvimento físico, o desenvolvimento social, o respeito para com o outro, o diálogo como meio para solucionar os conflitos existentes. Sendo assim, as aulas colaboraram também para a construção da cidadania.

5. Considerações Finais

Para superar estas diferenças e realizar uma prática escolar que seja de fato inclusiva, a formação do professor atua como um ponto chave e deveria estar sempre presente na atividade de qualquer profissional e, principalmente na atividade do professor que atua ensinando pessoas. Ao mesmo tempo, a visão que cada profissional tem de sua atuação influencia de forma decisiva a forma como irá conduzir suas aulas.

Assim sendo, foi possível observar, de acordo com a experiência adquirida no Projeto de Extensão, que a forma como as aulas eram ministradas no Colégio Piracicabano possibilitava a inclusão das crianças com SD, que vivenciavam as atividades como qualquer outra criança: divertindo-se, aprendendo e acima de tudo construindo relações de carinho e confiança com as outras crianças e professores. O objetivo da aula sempre se centrava no processo, no como fazer, no construir junto com as crianças o significado das vivências; significados estes que iam além da atividade física.

Referências Bibliográficas

FONTANA, R. Trabalho e subjetividade. Nos rituais da iniciação, a constituição do ser professora. Caderno Cedes, ano XX, nº50, Abril/2000.

MOYSES, L. O desafio de saber ensinar Campinas. São Paulo: Papirus, 7ª edição, 1994.

REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 12ª edição, 1995.